

Re-imaginar a Moda pela Extensão: entre pedagogias críticas, museus e comunidades

Reimagining Fashion through Extension: Between Critical Pedagogies, Museums, and Communities

Réimaginer la mode par l'extension: entre pédagogies critiques, musées et communautés

DOI: 10.5965/25944631012026e8089

Daniel Keller

Universidade Feevale.

Lattes: 3282068113909736. Orcid: 0009-0007-3861-4904.

E-mail: danielgk@feevale.br

Claudia Schemes

Universidade Feevale.

Lattes: 2019632516405974. Orcid: 0000-0001-8170-9684.

E-mail: claudias@feevale.br



Licenciante: Revista de Ensino
em Artes, Moda e Design,
Florianópolis, Brasil.

Este trabalho está licenciado sob
uma licença Creative Commons
Attribution 4.0 International License.

Letícia Vieira Braga da Rosa

Universidade Feevale.

Lattes: 101601162490569. Orcid: 0000-0002-5420-5322.

E-mail: leticiabragadarosa@gmail.com

Suelen Bomfim Nobre

Universidade Feevale.

Lattes: 1313199382430395. Orcid: 0000-0001-6414-0959.

E-mail: suelennobre@feevale.br

Publicado pela Universidade do
Estado de Santa Catarina

Copyright: © 2025 pelos autores.

Submetido em: 23/10/2025

Aprovado em: 09/01/2026

Publicado em: 01/02/2026

Resumo

O artigo analisa práticas extensionistas desenvolvidas na Universidade Feevale que articulam Moda, Design, museus e comunidades, evidenciando o papel da curricularização da extensão na formação acadêmica e na transformação social. A partir de três experiências — a exposição Zuzu Angel no Museu Nacional do Calçado, o projeto Re-imaginar é possível? e o projeto Da Rua Para'Nóia —, discute-se como a extensão universitária pode atuar como eixo estruturante de pedagogias críticas e decoloniais, reposicionando o museu como território pedagógico e a comunidade como coautora do conhecimento. Fundamentado em Paulo Freire, Orlando Fals Borda, Enrique Dussel e Arturo Escobar, o estudo propõe compreender a extensão como prática poiética e emancipatória, que costura ensino, pesquisa e compromisso social.

Palavras-chave: Extensão universitária. Design de Moda. Pedagogia crítica. Museus universitários. Educação emancipatória.

Abstract

The article analyzes extension practices developed at Feevale University that interconnect Fashion, Design, museums, and communities, highlighting the role of extension curricularization in academic education and social transformation. Drawing from three experiences — the Zuzu Angel exhibition at the National Footwear Museum, the project Re-imagining Is Possible?, and the Da Rua Para'Nóia project — the study discusses how university extension can serve as a structuring axis for critical and decolonial pedagogies, repositioning the museum as a pedagogical territory and the community as a co-author of knowledge. Grounded in Paulo Freire, Orlando Fals Borda, Enrique Dussel, and Arturo Escobar, the research conceives extension as a poetic and emancipatory practice that weaves together teaching, research, and social commitment.

Keywords: University extension. Fashion Design. Critical pedagogy. University museums. Emancipatory education.

Resumé

L'article analyse les pratiques d'extension universitaire développées à l'Université Feevale, articulant Mode, Design, musées et communautés, afin de montrer le rôle de la curricularisation de l'extension dans la formation académique et la transformation sociale. À partir de trois expériences — l'exposition Zuzu Angel au Musée National de la Chaussure, le projet Ré-imaginer est possible ? et le projet Da Rua Para'Nóia —, l'étude discute de la manière dont l'extension universitaire peut devenir un axe structurant de pédagogies critiques et décoloniales, replaçant le musée comme territoire

pédagogique et la communauté comme coautrice du savoir. S'appuyant sur Paulo Freire, Orlando Fals Borda, Enrique Dussel et Arturo Escobar, la recherche conçoit l'extension comme une pratique poétique et émancipatrice reliant enseignement, recherche et engagement social.

Mots clé: Extension universitaire. Mode Design. Pédagogie critique. Musées universitaires Communautés. Éducation émancipatrice.

1 Introdução

A extensão universitária, ao articular ensino e pesquisa em diálogo com a sociedade, constitui um campo privilegiado para repensar o papel da moda e do design na formação acadêmica e na transformação social. No Brasil, desde a Resolução nº 7/2018 do Conselho Nacional de Educação, que tornou obrigatória a curricularização da extensão, o tema ganhou centralidade na gestão educacional e multiplicaram-se experiências que aproximam a universidade de demandas sociais urgentes, ampliando o sentido formativo do ensino superior. Nesse cenário, projetos desenvolvidos na Universidade Feevale, vinculados ao campo da moda e do design, oferecem exemplos importantes de como práticas extensionistas podem reconfigurar currículos, provocar desaprendizagens e ativar espaços culturais como territórios pedagógicos.

O estudo analisa três experiências desenvolvidas na Universidade Feevale – a exposição Zuzu Angel no Museu Nacional do Calçado, o projeto Re-imaginar é possível? e o projeto Da Rua Para'Nóia – para discutir como ações extensionistas em Moda e Design, articuladas à curricularização da extensão, contribuem para inovação pedagógica, fortalecimento comunitário e transformação social. No ensino de design no Brasil, museus como o Museu de Arte de São Paulo (MASP) e o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro se mostram um importante campo já desde as décadas de 1940 e 1960 (Almeida, 2022).

O presente artigo tem como objetivo evidenciar como a curricularização da extensão universitária atua como um eixo estruturante para transformar o ensino de Moda e Design, reposicionando o museu como um território pedagógico e político e colocando as comunidades marginalizadas no centro do processo de produção de conhecimento. Ao articular inclusão,

pedagogias críticas e narrativas decoloniais, o estudo contribui para o debate proposto pelo dossiê, destacando a relevância da extensão universitária como estratégia de inovação pedagógica, fortalecimento comunitário e transformação cultural.

Este estudo parte da busca de responder ao problema: “como práticas extensionistas em Moda e Design, desenvolvidas na Universidade Feevale, podem contribuir para a formação acadêmica, a inclusão social e a transformação cultural?”. A investigação destaca os impactos pedagógicos, museológicos e comunitários dessas experiências, enfatizando a relevância da extensão como eixo estruturante na gestão educacional de cursos de Moda.

O primeiro eixo da análise recai sobre a exposição Zuzu Angel, realizada no Museu Nacional do Calçado. Vinculada ao projeto “Moda e inclusão: design e vestuário para pessoas com deficiência visual” e à disciplina de História da Moda Brasileira, a iniciativa evidencia como a curricularização da extensão oportuniza a formação de designers socialmente comprometidos. Nesse contexto, o museu universitário não apenas preserva a memória cultural da moda, mas também se transforma em espaço de experimentação inclusiva, promovendo acessibilidade e sensibilização por meio de práticas de design social.

O segundo caso em foco é a experiência “Re-imaginar é possível?”, desenvolvida, também, a partir da disciplina de História da Moda Brasileira. O projeto, fundamentado em pedagogias decoloniais e críticas, estimulou os estudantes a dialogarem com processos migratórios contemporâneos, transformando peças de vestuário em artefatos museológicos. A proposta não apenas questionou narrativas hegemônicas da moda, mas também ativou o museu como território pedagógico e político, reafirmando o papel da extensão universitária na produção de saberes situados e no exercício da desaprendizagem como prática criativa e crítica.

O terceiro eixo analítico aborda o projeto “Da Rua Para’Nóia”, desenvolvido em parceria com o Centro POP da cidade de Novo Hamburgo. Voltado à população em situação de rua, o projeto se estrutura em oficinas, ações de educação popular e dispositivos educomunicativos, como jornais e podcasts, que reforçam o protagonismo e a visibilidade das narrativas dessa

comunidade. Essa experiência revela a potência da extensão como prática de justiça social, rompendo com a lógica da universidade-empresa e afirmando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão como caminho para uma formação cidadã e transformadora.

A articulação entre esses três casos possibilita compreender como a extensão universitária assume papel estratégico na formação em Moda e Design. Por meio dela, currículos são tensionados, museus são apropriados como espaços de diálogo e comunidades historicamente marginalizadas ganham centralidade no processo de produção de conhecimento. Assim, a curricularização da extensão atua como eixo estruturante e estratégia de inovação pedagógica e de fortalecimento comunitário, reafirmando a vocação da universidade em promover inclusão, diversidade e transformação social.

A presente investigação adota uma abordagem qualitativo-exploratória, fundamentada na análise crítica e no relato de ações extensionistas em Moda e Design. A opção metodológica se justifica pela necessidade de compreender práticas formativas que não se reduzem a métricas quantitativas, mas que se materializam em processos relacionais, pedagógicos e culturais.

Os procedimentos metodológicos contemplam, em primeiro lugar, a revisão bibliográfica sobre extensão universitária, design social, pedagogias críticas e museologia, mobilizando referenciais que permitem situar a análise no campo da educação emancipatória e da crítica decolonial. Nesse sentido, a pedagogia dialógica e problematizadora de Paulo Freire (1981, 2022a, 2022b) fornece a base para compreender a extensão como espaço de encontro entre saberes acadêmicos e populares, articulando teoria e prática de forma indissociável. Em diálogo, a proposta da investigação-ação participativa de Orlando Fals Borda (1999) amplia a compreensão da pesquisa como prática implicada, em que sujeitos historicamente silenciados tornam-se coautores do conhecimento produzido.

A análise também se ancora nas contribuições de Enrique Dussel (1992; 2012), especialmente em sua concepção de poiética transmoderna, que permite pensar o design como prática situada entre arte, ciência e tecnologia em chave ética e criadora. Ao lado disso, as reflexões de Arturo

Escobar (2018) acerca do design para o pluriverso oferecem subsídios para compreender como a extensão universitária pode contribuir para práticas projetuais enraizadas em contextos locais e orientadas pela justiça social.

Como segunda etapa, foi realizado o levantamento e sistematização de registros (relatórios, publicações, materiais educomunicativos, diários reflexivos e registros de exposições), que possibilitam reconstituir as trajetórias e os impactos dos projetos analisados. Em seguida, procedeu-se à análise documental de três experiências: a exposição Zuzu Angel, vinculada ao projeto “Moda e inclusão: design e vestuário para pessoas com deficiência visual”; a proposta Re-imaginar é possível?, desenvolvida na disciplina de História da Moda Brasileira; e o projeto Da Rua Para’Nóia, realizado em parceria com o Centro POP e voltado à população em situação de rua.

Por fim, a investigação adota como estratégia de análise a triangulação entre ensino, pesquisa e extensão, considerando os impactos pedagógicos, museológicos e sociais de cada caso. Essa triangulação possibilita compreender de que maneira os projetos aqui examinados operam como experiências formativas, museológicas e comunitárias, alinhando-se às perspectivas críticas sobre museus universitários (Gil, 2005; Bruno, 2010) e ao entendimento da extensão como prática de transformação social (Brossard & Lewenstein, 2010; Keller & Schemes, 2024).

2 Fundamentação Teórica: extensão universitária e pedagogias críticas para um design social e inclusivo

A extensão universitária, no contexto latino-americano, emerge como prática que tensiona o modelo tradicional da universidade moderna, frequentemente centrada na transmissão unilateral do conhecimento. Paulo Freire propõe uma educação baseada na problematização e na dialogicidade, afirmando que “toda ação educativa deve necessariamente estar precedida de uma reflexão sobre o homem e uma análise do meio de vida concreto do homem concreto” (Freire, 1981, p. 33). Vista como um ato dialógico, a educação envolve a co-participação dos sujeitos no ato de pensar e não apenas um ato de transmissão de informações e conhecimentos, o que reflete a relação dialógico-comunicativa proposta por Freire (1982, p. 69): “a educação é comunicação, é diálogo, na medida

em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores". Essa perspectiva, quando aplicada à extensão, rompe com a lógica assistencialista e a comprehende como prática formadora, em que teoria e prática se interpenetram.

Nesse sentido, a proposta da investigação-ação participativa de Orlando Fals Borda (1999) complementa a visão freireana ao enfatizar que o conhecimento deve ser produzido "com e não para" as comunidades, implicando os sujeitos como coautores do processo investigativo. Ambos os autores convergem para uma concepção de universidade em que a extensão não é um apêndice, mas um espaço político de construção de conhecimento situado, enraizado nos territórios e nas lutas sociais.

Essa perspectiva se articula à crítica de Enrique Dussel (1992; 2012) ao projeto moderno-colonial. Ao propor a noção de poiética, Dussel a define como o momento ético e criador da práxis transformadora, em que a ação humana se compromete com a vida e com a superação das estruturas opressoras (Dussel, 2012). Nessa chave, a extensão pode ser compreendida como poiética educativa, na medida em que instaura processos criativos de recomposição entre universidade e comunidade, orientados por um horizonte transmoderno, alternativo ao eurocentrismo.

Cristina Ibarra (2021) retoma a investigação-ação participativa de Fals Borda (1999) como base metodológica e a noção de correspondência, em Tim Ingold (Ingold; Almeida, 2017), como um modo de estar em campo. Ao articular participação, implicação e co-produção de conhecimento, sua proposta de um design sentipensante desloca o design de um regime estritamente técnico-instrumental para uma prática situada, relacional e responsiva. Nesse enquadramento, a correspondência opera como orientação ética e epistemológica — uma atenção às linhas de vida e às relações em curso —, reforçando a possibilidade de reabrir a dimensão poiética do design como fazer-com, e não como imposição de forma sobre um mundo previamente objetificado.

Essa crítica encontra eco em Arturo Escobar (2018), ao propor o design para o pluriverso, que desafia a ideia de um único modelo de desenvolvimento. Para o autor, o design deve contribuir para "um mundo onde caibam muitos mundos", deslocando-se da lógica instrumental para

práticas de cuidado, sustentabilidade e justiça. Aqui, a extensão em Moda e Design ganha relevância como campo de ensaio para esse pluriverso, ao articular pedagogias críticas e epistemologias regionais em experiências concretas de formação e intervenção social.

No campo do design, a extensão universitária encontra ressonância em debates clássicos sobre responsabilidade social. Victor Papanek (1997) já advertia sobre o caráter muitas vezes excludente e alienado da prática projetual. Sua defesa de um design voltado às necessidades humanas se conecta ao pensamento de Victor Margolin (1998), que entende o design social como prática orientada à transformação cultural e à promoção do bem-estar coletivo. Ezio Manzini (2008; 2017), por sua vez, atualiza esse debate ao associar o design às práticas de inovação social e comunitária, evidenciando a potência das soluções colaborativas e localmente enraizadas.

As abordagens freireanas no campo do design têm sido exploradas por autores como Serpa (2022; 2024), van Amstel (2022) e Mazzarotto (2020; 2023), que, inspirados na pedagogia crítica de Paulo Freire, propõem metodologias teórico-práticas voltadas ao enfrentamento da opressão. Inseridos na Rede Brasileira de Design e Opressão, esses pesquisadores desenvolvem projetos articulados a movimentos sociais e comunidades vulnerabilizadas, promovendo um design comprometido com a emancipação e a justiça social.

A partir da noção de práxis anticolonial, esses autores enfatizam o design como espaço de produção de subjetividades críticas e libertárias. O termo “anticolonial” (Mazzarotto et al., 2023) é empregado para evidenciar uma ação política aliada às lutas populares, distinguindo-se do enfoque mais epistemológico do pensamento decolonial latino-americano. Essa práxis se concretiza em experiências de extensão e laboratórios colaborativos da rede, nos quais o aprendizado se traduz em práticas que promovem autonomia, solidariedade e dialogicidade.

Nesse contexto, emergem também os conceitos de Design Emancipatório (Mazzarotto, 2020) e Design Prospectivo (van Amstel, 2022). O primeiro incorpora os princípios freireanos de horizontalidade, criticidade e libertação, propondo um design político e intencional. O segundo amplia a

dimensão temporal do projeto, orientando-o à transformação estrutural do presente em direção a futuros coletivos mais justos e possíveis.

3 Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem qualitativo-exploratória, adequada ao objetivo de compreender práticas extensionistas em Moda e Design a partir de suas dimensões pedagógicas, museológicas e sociais. Essa opção metodológica se justifica pela natureza dos fenômenos analisados, que envolvem experiências coletivas, processos formativos e interações comunitárias, impossíveis de serem captados apenas por indicadores quantitativos.

Os procedimentos metodológicos envolveram, em primeiro lugar, a revisão bibliográfica sobre extensão universitária, pedagogias críticas, design social e museologia. Essa etapa forneceu os referenciais teóricos que orientam a análise, em especial as contribuições de Paulo Freire (1981; 1982; 2022a; 2022b) sobre educação dialógica, de Orlando Fals Borda (1997) sobre investigação-ação participativa, de Enrique Dussel (1992; 2012) sobre poiética e transmodernidade, e de Arturo Escobar (2018) sobre design para o pluriverso. No campo do design social e da inovação, a reflexão se apoiou em Papanek (1995), Margolin (1998) e Manzini (2008; 2023), enquanto Gil (2005), Bruno (2010) e Brossard & Lewenstein (2010) fundamentaram a leitura museológica e a postura pública da ciência.

Em seguida, realizou-se a sistematização de registros (relatórios institucionais, publicações acadêmicas, materiais educomunicativos, catálogos de exposições e diários reflexivos), que permitiram reconstituir o percurso das iniciativas estudadas. Essa etapa possibilitou analisar não apenas resultados, mas também processos, metodologias e desafios enfrentados.

A análise documental concentrou-se em três experiências desenvolvidas na Universidade Feevale: a exposição Zuzu Angel no Museu Nacional do Calçado; o projeto Re-imaginar é possível?, vinculados à disciplina de História da Moda Brasileira; e o projeto Da Rua Para'Nóia, realizado em parceria com o Centro POP e voltado à população em situação de rua. O recorte empírico foi definido por três critérios: (a) a vinculação institucional

das iniciativas à curricularização da extensão; (b) a articulação entre moda, design e inclusão social; e (c) a relevância pedagógica e comunitária de seus resultados.

Por fim, adotou-se como estratégia de análise a triangulação entre ensino, pesquisa e extensão, compreendendo esses três eixos não como instâncias separadas, mas como dimensões interdependentes. Esse movimento analítico permitiu evidenciar como as experiências em questão operam simultaneamente como práticas pedagógicas, museológicas e sociais, contribuindo para a formação acadêmica crítica, a valorização da diversidade cultural e a promoção da justiça social.

4 Práticas extensionistas

Nos três tópicos a seguir serão apresentadas as práticas extensionistas que envolvem esta pesquisa e dão conta de articular teoria e prática, a partir de reflexões sobre museificação, pedagogia crítica no design e seu papel cultural e social para com as comunidades.

4.1 Exposição Zuzu Angel no Museu Nacional do Calçado

A exposição dedicada à estilista foi realizada em 2021 por estudantes da disciplina História da Moda Brasileira, do curso de Moda da Universidade Feevale, como parte das comemorações de seu centenário (nascida em 1921) (Feevale, 2021). O evento ocorreu no Museu Nacional do Calçado (MNC), localizado nas dependências da universidade.

Com um acervo em torno de 25.000 peças, o MNC organiza-se em três espaços conectados: uma sala de exposição permanente, concebida para “proporcionar ao visitante um passeio ao mundo do calçado, onde o passado e o presente, o famoso e o desconhecido se encontram” (Schemes et al., 2007, p. 88), e duas salas destinadas a mostras temporárias, além da área administrativa. Trata-se de um equipamento cultural voltado à comunidade em geral, cuja coleção reúne referências relevantes da indústria e do artesanato nacional e internacional, contemplando desde setores produtivos do couro, calçados e acessórios até criadores de moda, designers, especialistas e públicos diversos (Schemes et al., 2010).

Criado para atuar como agente cultural, educacional e de pesquisa vinculado ao setor produtivo, à sua cultura material e à comunidade (Schemes et al., 2007), o museu também se consolidou como espaço de investigação para os cursos da instituição – especialmente Moda e Design. Nesse contexto, o conjunto de fontes disponíveis (fotografias, vídeos, documentos, periódicos, livros, jornais, réplicas, máquinas e peças originais, entre outros) amplia as possibilidades de pesquisa e articulação interdisciplinar. Com orientação didático-pedagógica, o MNC propõe-se a manter uma programação dinâmica – exposições, cursos, seminários, palestras, encontros, concursos, lançamentos de moda e visitas dirigidas – e assume o compromisso com inovação, abrangência e desenvolvimento, agregando valor ao cluster coureiro-calçadista e contribuindo para qualificar profissionais do campo (Schemes et al., 2007, p. 88).

Segundo Ulpiano Bezerra de Meneses (1982), o museu opera como um dispositivo de mediação institucional entre pessoas e objetos materiais, deslocando-os do circuito mercantil para um regime de observação em que passam a ser compreendidos como objetos e não como mercadorias. Essa inflexão evidencia a força educativa desses espaços: ao expor a cultura material, o museu contribui para formar o olhar e aguçar a percepção de formas, texturas e cores, criando condições para que os sujeitos ampliem repertórios e apreendam conceitos a partir da diversidade de materiais, técnicas e modos de construção.

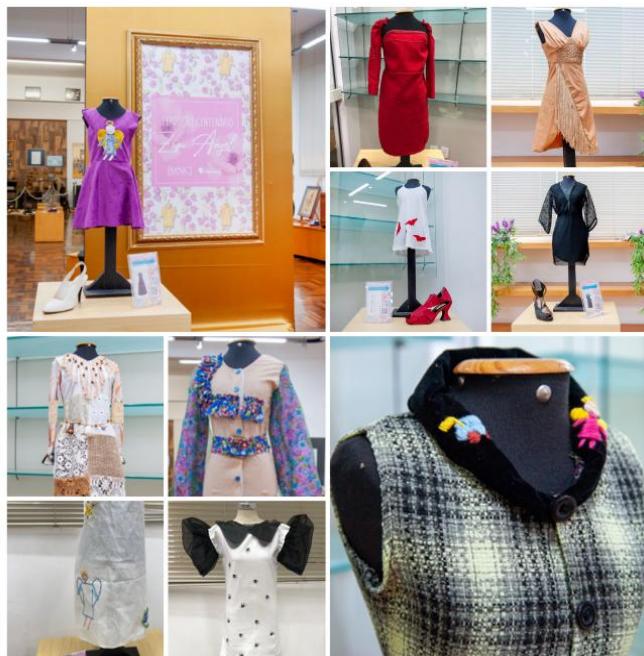
Quando articuladas ao espaço museológico, essas perspectivas encontram respaldo em autores que compreendem o museu universitário como território pedagógico. Para Gil (2005, p. 43), os museus universitários devem manter coleções pedagógicas, científicas e culturais, atuando como “tesouros institucionais” que servem simultaneamente à universidade e à comunidade. Essa dimensão crítica é reforçada por Bruno (2010), ao defender que os museus, mais que depositários de objetos, devem assumir-se como instituições abertas às pluralidades sociais, promovendo reflexões críticas e inclusão.

Nesse cenário, as práticas extensionistas analisadas neste artigo aproximam-se da concepção de postura pública da ciência, formulada por Brossard & Lewenstein (2010). Segundo os autores, existem dois grandes tipos de iniciativas: aquelas que buscam apenas melhorar a compreensão

do público sobre determinada área da ciência e as que exploram a interação do público com a ciência (Brossard; Lewenstein, 2010).

Depois de conhecer a história de Zuzu Angel os alunos, individualmente ou em duplas, escolheram um look da estilista que foi inspiração para a criação e desenvolvimento de uma peça de roupa para compor a mostra. O desafio foi pensar em uma exposição acessível para deficientes visuais, portanto, as 14 peças sensoriais criadas deveriam ter texturas e detalhes, além de serem descritas em áudio (acionados por QR codes) e impressas em fonte ampliada (para quem tem baixa visão).

Figura 1: Zuzu Angel



Fonte: Autores, 2021.

Os alunos tornaram-se protagonistas na organização da exposição, criando roupas e selecionando objetos do acervo e tiveram uma experiência educativa privilegiada, o que demonstra um importante impacto pedagógico. Também foi notável a importância social de uma exposição para pessoas com deficiência visual que reside na promoção da inclusão social, representatividade e protagonismo, garantindo acesso igualitário à cultura, educação e lazer.

Em síntese, a exposição sobre Zuzu Angel no Museu Nacional do Calçado reafirma o papel do museu universitário como espaço de aprendizagem, criação e inclusão social. Ao articular história da moda, acessibilidade e práticas pedagógicas extensionistas, a iniciativa demonstrou que o ensino pode ultrapassar os limites da sala de aula e se concretizar em experiências estéticas e sensoriais transformadoras. A interação entre alunos, público e acervo permitiu não apenas revisitar a trajetória de uma estilista fundamental para a cultura brasileira, mas também problematizar o modo como o design e a moda podem servir à democratização do conhecimento e à construção de uma educação mais sensível, crítica e comprometida com a diversidade.

4.2 Re-imaginar é possível?

O projeto de ensino Re-imaginar é possível? Buscou integrar pesquisa e extensão na disciplina de História da Moda Brasileira, focando em migrações e acessibilidade, já que a participação de pessoas com deficiência visual aconteceu em todas as etapas do projeto, incluindo a coleta de dados e a revisão da exposição.

A metodologia utilizada foi a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) (Bender, 2015), que visa promover a aprendizagem investigativa, desenvolvendo competências técnicas e socioemocionais. A partir deste caminho metodológico, os acadêmicos criaram artefatos de vestuário relacionados à temática das migrações, considerando a acessibilidade para deficientes visuais. O processo incluiu diagnósticos iniciais, oficinas de interação com migrantes e reflexões sobre a migração sob múltiplas perspectivas.

É importante ressaltar que a motivação para o tema das migrações nasce da ocasião do bicentenário da imigração alemã ao Brasil no ano de 2024. Em alusão à data, diferentes instituições brasileiras foram convidadas a propor atividades relacionadas ao assunto das migrações. Pareceu pertinente aos propositores da disciplina de História da Moda Brasileira oportunizar a reflexão a respeito das migrações para o design, moda e a arte brasileira e mundial.

Conforme Magalhães (1993), ao longo do século XIX a chegada dos imigrantes alemães ao Brasil está vinculada aos processos de dominação

cultural, de ocupação de território por pessoas de origem européia e ao projeto doutrinação luterana no Brasil. Diante disso, pareceu relevante explorar outras histórias de imigrantes que não estiveram sendo contadas nos últimos tempos, talvez esquecidas ou pouco importantes para as instituições dominadoras – como os museus frequentemente se comportam. O contexto das migrações forçadas, seja por questões climáticas, econômicas, étnicas, religiosas, de guerra ou gênero foi a base para a construção de um novo discurso a respeito das histórias de vida das pessoas que migram, principalmente, contadas através de objetos e realidades imaginadas, coletadas a partir das histórias de vida destas pessoas.

As propostas iniciais foram discutidas em reuniões colaborativas, seguidas por oficinas de confecção em laboratórios técnicos e o feedback foi estruturado, com apoio docente contínuo e revisões de conceitos técnicos e de design. A exposição final, contou com 14 artefatos e foi montada com recursos de acessibilidade, como audiodescrição e materiais em braile.

O projeto promoveu um diálogo sobre migrações, incentivando a curiosidade e a crítica entre os participantes e a experiência reforçou a importância da colaboração e da inclusão, permitindo que os alunos se conectassem com suas realidades e as de migrantes.

Figura 2: Exposição “Re-imaginar é possível?”



Fonte: Autores, 2024

As peças materializaram o diálogo desenvolvido em sala de aula, tornando-se potenciais instrumentos de libertação, ainda que algumas representações baseadas em estereótipos estiveram presentes. Freire (2022a; 2022b) alerta que o resíduo opressor presente nas intenções libertadoras exige constante vigilância crítica para que a prática educativa se mantenha transformadora. No campo do ensino de Moda, destacou-se a revisão crítica dos ideais de progresso e renovação, problematizando suas implicações imperialistas e ambientais. A articulação entre moda e cultura ampliou o campo de ação dos estudantes, permitindo compreender como suas práticas podem ressignificar realidades e modos de vida. Sob uma perspectiva crítica, a experiência evidenciou o valor de metodologias críticas na formação em moda e design.

O contraste entre os novos artefatos e o acervo histórico possibilitou questionar a linearidade temporal imposta pela visão moderna, revelando outros modos de aprender e narrar o design. Assim, a criação do vestuário ultrapassou a materialidade da roupa, tornando-se um processo reflexivo e político, no qual os participantes incorporaram e materializaram suas experiências, compreendendo também os impactos sociais e simbólicos da produção de objetos.

4.3 Projeto Da Rua Para'Nóia

O projeto “Da Rua Para’Nóia”, desenvolvido pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS), exemplifica a potência da extensão universitária como instrumento pedagógico, político e social. Sua execução é acompanhada pelo comitê institucional responsável pela análise, aprovação e assessoramento das ações extensionistas, vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão da universidade.

Criado em 2019, o projeto tem como objetivo promover a saúde, os direitos humanos e a cidadania das pessoas em situação de rua de Novo Hamburgo, contribuindo para sua visibilidade social e para a garantia de direitos (Feevale, s.d.). Segundo a “Cartilha da População Adulta em Situação de Rua de Novo Hamburgo” (Giongo, 2020), as pessoas deste contexto vivem em uma realidade marcada por pobreza extrema, vínculos familiares interrompidos ou fragilizados, ausência de moradia convencional

e uso de logradouros públicos ou áreas degradadas como espaço de moradia e sustento, seja de forma temporária ou permanente.

As atividades são desenvolvidas em parceria com o Centro de Referência Especializado de Assistência Social para População em Situação de Rua (Centro POP), com a participação de acadêmicos selecionados por editais de bolsas ou vinculados a disciplinas de caráter extensionista. O Centro Pop é destacado como o principal serviço de apoio à realização da pesquisa e como referência no município para a população em situação de rua (Giongo, 2020), oferecendo atendimentos individuais e coletivos, oficinas, atividades de convívio e socialização, além de ações que incentivam o protagonismo e a participação social das pessoas em situação de rua.

Neste contexto sócio-demográfico e institucional, a atuação do projeto Da Rua Para'Noia baseia-se na Investigação-Ação Participativa (IAP), conforme Fals Borda (1999), que integra teoria e prática e reconhece os participantes como co-pesquisadores, e não como objetos de estudo. Essa abordagem permite que os sujeitos influenciem o curso da pesquisa e colaborem na criação de soluções concretas, promovendo a descolonização do saber e a valorização dos conhecimentos das comunidades.

Atualmente, as ações desenvolvidas incluem oficinas de educomunicação e direitos humanos, experiências formativas que fortalecem a consciência cidadã, o aprendizado prático e a autonomia social. Ao articular ensino, pesquisa e extensão, o projeto cria práticas educativas baseadas no diálogo, na escuta e na coautoria, reafirmando o compromisso da universidade com a justiça social e com os territórios historicamente excluídos.

A experiência de Novo Hamburgo demonstra que a educação para os direitos humanos deve nascer de práticas concretas, sustentadas pela convivência, pela interdisciplinaridade e pela ação situada. O reconhecimento da população em situação de rua como sujeito de direitos demanda da universidade uma escuta atenta, um olhar crítico e uma prática comprometida com a transformação das estruturas sociais excluientes.

Nesse sentido, o projeto materializa a relevância da educação popular e da investigação-ação participativa como metodologias de transformação social. Sua natureza interdisciplinar — envolvendo áreas como Comunicação, Enfermagem, Psicologia, Pedagogia, Design e Moda — promove a convergência de diferentes saberes em prol da dignidade e dos direitos humanos, criando espaços de aprendizagem que reconhecem as trajetórias e necessidades dessa população.

Ao evidenciar o potencial transformador da extensão universitária curricularizada, “Da Rua Para’Nóia” reafirma que a universidade é mais do que um centro de conhecimento: é um agente de transformação social. Ao conectar teoria e prática, fortalece a cidadania, combate as desigualdades e evidencia o papel central da educação na efetivação da justiça social e dos direitos humanos.

Figura 3: Materializações de oficinas do projeto “Da Rua Para’Nóia”



Fonte: Rede social (Da Rua Para’Nóia, 2025)¹.

Desta forma, o campo da Moda e do Design entra como um espaço interpretativo e expressivo da cultura e dos modos de vida das pessoas em situação de rua. Ainda mais relevante que o uso prático ou conhecimentos técnicos, a contribuição para a formação humana dos acadêmicos coloca o

¹ Disponível em:
https://www.instagram.com/daruapara_noia/

conhecimento sobre design e moda sob outro patamar de relação com a comunidade. O projeto, portanto, proporciona aos participantes uma transição importante de pontos de partida para pensar a Moda e o Design, rompendo com a lógica racionalista, cartesiana e moderna.

Escobar (2018) identifica quatro crenças que sustentam o pensamento racional e cartesiano do design moderno. A primeira, centrada no indivíduo, reforça a ideia de sujeitos autônomos e separados do mundo, dissociando o humano das redes de relação que o constituem. A segunda, a crença no real, parte da noção de uma realidade objetiva e independente, ignorando a dimensão relacional e contextual da existência. A terceira, voltada à ciência, legitima a ciência moderna como única forma válida de conhecimento, marginalizando saberes locais, espirituais e ancestrais e consolidando uma hegemonia cognitiva que sustenta processos de dominação tecnológica. Por fim, a crença na economia consagra o mercado como esfera dominante, orientada pelo lucro e pelo crescimento ilimitado, o que subordina o design à lógica do capital e restringe sua função social e ecológica.

Conjuntamente, essas crenças moldam um campo projetual que naturaliza desigualdades e reproduz lógicas coloniais, limitando a imaginação de futuros alternativos. Superar tal herança implica revisar não apenas métodos, mas os próprios fundamentos éticos, políticos e epistemológicos do design, em direção a práticas pluriversais e comprometidas com a justiça social e ambiental.

Nessa mesma direção, Papanek (1995) defende uma reformulação profunda dos valores e das práticas do design, orientando-o pela humildade e pela responsabilidade ecológica. Para o autor, projetar requer integrar aspectos objetivos — como o clima e o uso consciente dos materiais — a processos subjetivos e intuitivos, situados em contextos culturais e bio-regionais específicos. Ao ignorar essa dimensão ecológica e ética, o design corre o risco de perpetuar o colapso que anuncia: um futuro inviável e a erosão das condições que sustentam a própria vida.

5 Discussão

As experiências analisadas demonstram que a extensão universitária em Moda e Design ultrapassa a dimensão operacional e se afirma como práxis emancipatória, nos termos de Paulo Freire (1982; 2022a; 2022b). Ao articular ensino, pesquisa e ação comunitária, a extensão se converte em um espaço de formação política e ética, no qual a escuta, o diálogo e a coautoria constituem os fundamentos do aprender e do projetar.

Essa pedagogia crítica subverte a lógica bancária da educação e aproxima o design de uma ação dialógica e transformadora, em que o conhecimento é produzido com as pessoas e não para elas. No encontro entre acadêmicos e comunidades, emergem práticas que desconstroem o mito da neutralidade técnica e deslocam o designer do lugar de especialista para o de mediador de mundos. Essa mediação implica reconhecer o outro como sujeito do processo criativo, instaurando uma educação comprometida com a vida e com a transformação social.

Nesse sentido, os projetos “Re-imaginar é possível?” e “Da Rua Para’Nóia” revelam o potencial político da curricularização da extensão, ao permitir que a universidade se reinvente como espaço de criação de vínculos, de aprendizado recíproco e de resistência simbólica frente às desigualdades sociais e epistemológicas.

Os resultados das práticas museológicas descritas, especialmente na exposição Zuzu Angel e no projeto Re-imaginar é possível?, reafirmam que o museu universitário pode funcionar como território pedagógico e político, em diálogo com autores como Gil (2005) e Bruno (2010). Ao abrir-se à participação de estudantes, professores e comunidades, o Museu Nacional do Calçado (MNC) se torna um espaço de aprendizado situado, onde o fazer curatorial é também ato educativo.

Nesse contexto, o museu deixa de ser um depósito de memórias para se transformar em laboratório vivo de práticas sociais, articulando cultura material, acessibilidade e formação cidadã. A experiência com a exposição acessível de Zuzu Angel demonstrou que a curadoria pode ser um dispositivo de inclusão, estimulando a empatia sensorial e a ampliação das formas de ver, tocar e sentir o mundo.

Da mesma forma, o projeto “Re-imaginar é possível?” ativou o museu como espaço de reconstrução simbólica, ao permitir que migrantes, estudantes e docentes cocriasse novas narrativas sobre pertencimento, memória e identidade. Assim, o museu universitário se afirma como extensão do espaço educativo, ampliando o campo da moda e do design para o território da cultura e da crítica social.

Ao reunir práticas que envolvem comunidades em situação de vulnerabilidade, migrantes e pessoas com deficiência visual, as experiências analisadas evidenciam um design social, ético e situado. Essa abordagem converge com o pensamento de Arturo Escobar (2018) e sua proposta de design para o pluriverso, na qual o ato de projetar é entendido como gesto de cuidado e coexistência, e não como imposição de formas e funções.

Nesse sentido, a extensão em Moda e Design aproxima-se de uma poiética transmoderna (Dussel, 2012), que reconhece a dimensão criadora da ação humana e a orienta pela ética da vida. Essa poiética aparece nas práticas descritas como força de recomposição entre arte, ciência e comunidade — uma pedagogia que costura o conhecimento acadêmico aos saberes populares e ancestrais.

A crítica ecológica e ética de Papanek (1995) reforça essa compreensão ao propor um design enraizado na humildade e na responsabilidade ambiental. Do mesmo modo, Manzini (2023) destaca o potencial das comunidades criativas como espaços de inovação social, nas quais o design emerge como processo coletivo de transformação cultural. Nessas intersecções, o design deixa de ser um instrumento de mercado e torna-se tecnologia social de recomposição da vida.

As experiências analisadas também desafiam o modelo neoliberal de universidade, frequentemente voltado à produtividade e à mensuração de resultados. Os projetos de extensão, especialmente Da Rua Para’Nóia, apontam para a possibilidade de uma universidade-viva, capaz de atuar de modo enraizado e responsável aos territórios que a cercam.

Essa perspectiva ecoa a concepção de investigação-ação participativa de Fals Borda (1999), em que o conhecimento se constrói coletivamente, com

base na realidade concreta e nas necessidades das pessoas. Ao reconhecer a população em situação de rua como sujeito de saber, a universidade rompe com a lógica assistencialista e se reposiciona como agente de justiça social.

Nessa direção, o design se torna linguagem de resistência e de reconstrução do comum. O vestuário, o objeto e a exposição deixam de ser produtos estéticos e assumem função política, atuando como dispositivos de escuta, mediação e emancipação.

Em conjunto, as experiências de extensão analisadas demonstram que o campo da Moda e do Design pode operar como zona de interseção entre pedagogia, arte e política. Os projetos evidenciam que o ensino só se realiza plenamente quando se abre ao mundo e quando o conhecimento acadêmico se contamina pelas experiências vividas fora da universidade.

A partir de pedagogias críticas, epistemologias regionais e práticas de design social, o estudo mostra que a curricularização da extensão é mais que uma exigência legal: é uma estratégia de recomposição institucional e humana. Ela reposiciona o papel da universidade no presente, permitindo que o ensino superior atue como espaço de criação de futuros possíveis — plurais, justos e habitáveis.

6 Considerações Finais

No campo da Moda e do Design, a extensão se apresenta como território privilegiado de experimentação pedagógica e de inovação social, ao aproximar currículos de realidades marginalizadas, ao tensionar narrativas museológicas e ao propor práticas inclusivas. Os três casos aqui analisados — “Zuzu Angel”, “Re-imaginar é possível?” e “Da Rua Para’Nóia” — evidenciam caminhos de integração entre universidade, patrimônio e comunidade, oferecendo subsídios para repensar a gestão educacional em cursos de Moda e Design.

Estas experiências permitem compreender que a extensão universitária em Moda e Design não apenas amplia os horizontes pedagógicos, mas também redefine o sentido político e epistemológico da formação. Ao aproximar a criação do campo social e museológico, a extensão desloca o design de

uma prática voltada à forma para um gesto comprometido com a vida, com o território e com a dignidade dos sujeitos.

Mais do que comprovar resultados, o estudo evidencia que a universidade, quando se enraíza em seus contextos e reconhece os saberes que circulam fora de seus muros, torna-se laboratório de futuro, colocando a comunidade no centro do processo de produção de conhecimento. As experiências descritas mostram que a Moda e o Design, quando atravessados por pedagogias críticas e epistemologias regionais, são capazes de produzir mundos compartilhados – sustentáveis, plurais e sensíveis às diferenças.

Assim, a curricularização da extensão não deve ser entendida apenas como uma política educacional, mas como uma estratégia de recomposição institucional e humana, que reposiciona a universidade frente às urgências do presente. Resta, aos programas e cursos da área, seguir ampliando esse movimento, experimentando modos de aprender e projetar que não apenas representem o mundo, mas que participem de sua reinvenção².

² Correção gramatical realizada por:
Sofia Schemes Prodanov, graduada em Letras (2021), Universidade Feevale, e-mail: prodanovsofia@gmail.com

Agência de pesquisa financiadora da pesquisa

PROSUC/CAPES.

Declaração de conflito de Interesses

Os autores declaram não ter conhecimento de conflitos de interesses financeiros ou relacionamentos pessoais que possam ter influenciado o trabalho relatado neste artigo.

Declaração de Contribuição dos Autores e Colaboradores (CRediT - Contributor Roles Taxonomy)

Concepção do trabalho: Daniel Keller; Daniel teve a ideia inicial do projeto e formulou a hipótese da pesquisa. Metodologia: Suelem Bomfim Nobre; Letícia da Rosa projetaram a metodologia e realizaram os testes experimentais, juntamente com Daniel. Validação: Claudia Schemes, que verificou os dados experimentais e validou os resultados.

Material suplementar

Todos os dados necessários para reproduzir os resultados estão contidos no próprio artigo.

Agradecimentos

Não aplicável.

Referências

ALMEIDA, Ana Júlia Melo. **Mulheres e profissionalização no design: trajetórias e artefatos têxteis nos museus-escola MASP e MAM Rio**. 2022. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16140/tde-16012023-175956/>. Acesso em: 15 dez. 2025.

BENDER, W. **Aprendizagem baseada em projetos: educação diferenciada para o século XXI**. Penso Editora, 2015.

DARUAPARA'NOIA. Postagens no Instagram do perfil @daruaparanoia. Disponível em: <https://www.instagram.com/daruaparanoia/>. Acesso em: 17 out. 2025.

DUSSEL, E. et al. **Contra un diseño dependiente**. Cidade do México: Universidad Autónoma Metropolitana, 1992.

ESCOBAR, A. **Designs for the Pluriverse**. Durham and London: Duke Press University, 2018.

FEEVALE. Exposição no Museu Nacional do Calçado homenageia o centenário de Zuzu Angel. Acontece – Notícias Feevale, Novo Hamburgo, 25 nov. 2021. Disponível em: <https://www.feevale.br/acontece/noticias/exposicao-no-museu-nacional-do-calculo-homenageia-o-centenario-de-zuzu-angel>. Acesso em: 17 out. 2025.

FEEVALE. Sobre o projeto. Disponível em: <https://www.feevale.br/pesquisa-e-extensao/programas-e-projetos-sociais/direitos-humanos/da-rua-paranoia>. Acesso em: 03 de mar. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022a.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022b.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1982.

IBARRA, María Cristina. **Design como correspondência: antropologia e participação na cidade**. Recife: Ed. UFPE, 2021.

INGOLD, Tim; ALMEIDA, Rafael Antunes. Antropologia versus etnografia. **Cadernos de campo (São Paulo-1991)**, v. 26, n. 1, p. 222-228, 2017.

KELLER, D; SCHEMES, C. Educação Superior e Transformação Social: Um Estudo de Caso sobre Design Inclusivo para Pessoas com Deficiência Visual. **SCIAS. Direitos Humanos e Educação**, v. 7, n. 1, p. 152-170, 2024.

FALS, B., O..Orígenes universales y retos actuales de la IAP (investigación acción participativa). *Análisis político*, v. 38, p. 71-88, 1999.

GIONGO, C. R. et al. *População Adulta em Situação de Rua de Novo Hamburgo/RS: Vivências, Demandas e Possibilidades de Intervenção*. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2020.

MAGALHÃES, M. B. Alemanha, mãe-pátria distante. *Utopia pangermanista no sul do Brasil*. 1993. Tese de doutorado. Departamento de História (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas.

MANZINI, E. Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. *Cadernos do Grupo de Altos Estudos*. Coordenação de tradução: Carla Cipolla. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

MANZINI, E. *Políticas do Cotidiano*. São Paulo: Blucher, 2023.

MAZZAROTTO, M. As contribuições de Paulo Freire para um design emancipatório. In: ABREU, Janaina M.; PADILHA, Paulo Roberto (orgs.). *Paulo Freire em tempos de fake news*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2020.

MAZZAROTTO, M.; VAN AMSTEL, F. M. C.; SERPA, B. O.; SILVA, S. B. Prospectando qualidades relacionais anticoloniais na Educação em Design. *V!RUS*, 26, 2023, p. 136-145.

MENESES, U. B. Para que serve um museu histórico? In: *Como explorar um museu histórico*. São Paulo: Museu Paulista, 1982.

SCHEMES, C.; PRODANOV, C.C.; THÖN, I.H.(2007). O museu como espaço de inclusão: o Museu Nacional do Calçado e o Projeto Mentes Coloridas. *Revista Prâksis*, Novo Hamburgo, ano 4, v.2, p.87-92, ago. 2007.

SCHEMES, C.; PRODANOV, C.C.; THÖN, I.H. (2010). O Museu Nacional do Calçado e a Escola de Aplicação como espaços de aprendizagem. *Revista Prâksis*. Novo Hamburgo, ano 7, v. 2, p.23-28, ago 2010.

SCHEMES, C. et al. Curricularização da Extensão e a Articulação com a Pesquisa: Um Relato da Experiência de Ensino-Aprendizagem Baseada em Projetos sobre Migração e Inclusão. *Cadernos Cajuína*, v. 9, n. 5, p. e249538-e249538, 2024.

SERPA, B.; MAZZAROTTO, M. *Towards a design methodology against oppression*. In: GRAY, C.; CILIOTTA CHEHADE, E.; HEKKERT, P.; FORLANO, L.; CIUCARELLI, P.; LLOYD, P. (eds.). DRS2024: Boston, 23-28 June, Boston, USA, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.21160/drs.2024.617>. Acesso em: 20 set. 2024.

SERPA, B. O.; VAN AMSTEL, F. M.; MAZZAROTTO, M.; CARVALHO, R. A.; GONZATTO, R. F.; BATISTA E SILVA, S.; DA SILVA MENEZES, Y. *Tecendo o design como prática de liberdade: Pedagogia crítica em uma rede insurgente*. In:

LOCKTON, D.; LENZI, S.; HEKKERT, P.; OAK, A.; SÁDABA, J.; LLOYD, P. (eds.).
DRS2022: Bilbao, 25 June - 3 July, Bilbao, Spain, 2022. Disponível em:
<https://doi.org/10.21606/drs.2022.707>. Acesso em: 20 set. 2024.

VAN AMSTEL, F. M.; NOEL, L.-A.; GONZATTO, R. F. **Diseño, opresión y liberación**. Diseña, n. 21, 2022.